

LICEU  
DE  
GIL VICENTE

FANZINE

Nº5

2000

# ORGON

ZÉ COELHO

# AMORTE DO PEIXE DE AÇO

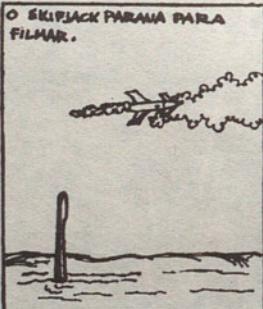
NA PONTE DA CORVETA, O ESTADO MAIOR CHINÊS ASSISTIA À QUEDA DO MÍSSIL.



A BORDO DO SKIPJACK.



O SKIPJACK PARECE PARA FILMAR.



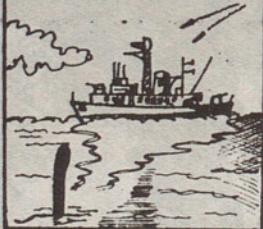
NA CORVETA...



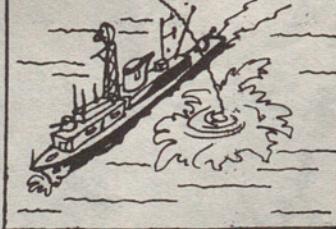
NA CENTRAL DE LANÇAMENTO



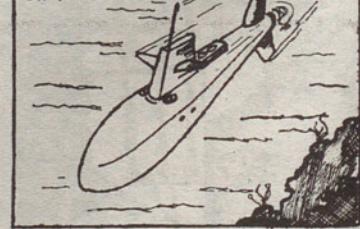
AS OGÍUAS DESCONTROLADAS, APROXIMAVAM-SE PERIGOSAMENTE DA CORVETA...



UNA DELAS CRIA NO OCEANO TERRI-  
UELMENTE PERTO DA EMBARCAÇÃO, MAS SEM EXPLODIR...



NESSE MOMENTO A TRIPULAÇÃO DO SKIPJACK PUNHA O REATOR EM MAR-  
CHA...



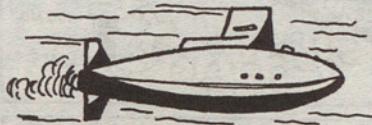
PARA ESCAPAR, A OUTRA OGUA QUE IRIA CAIR PERTO DO SUBMARINO...



MAS ERA TARDÉ DEMAIS...



EQUIPA ARGON - PORTUGAL



POR: VARELA E BRITO

HEMEROTECA



A TRÍPULAGÃO ERA ATIRADA CONTRA AS PAREDES...



...E SUBIU ATÉ À SUPERFÍCIE COMO UMA BOLHA DE CORTIÇA...



Brito  
VARELA

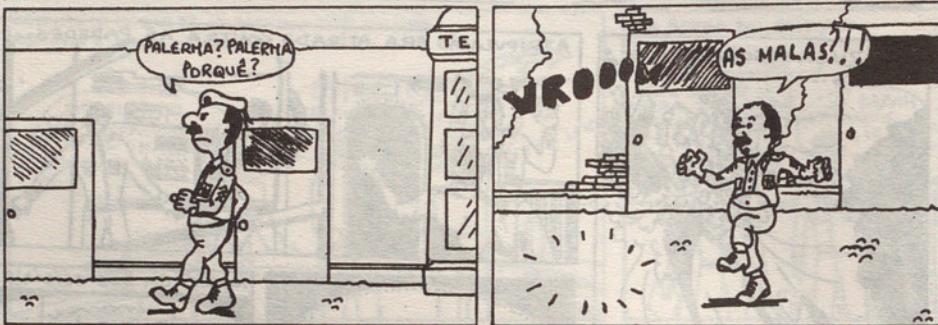
Continua



# SARGENTO PEPE

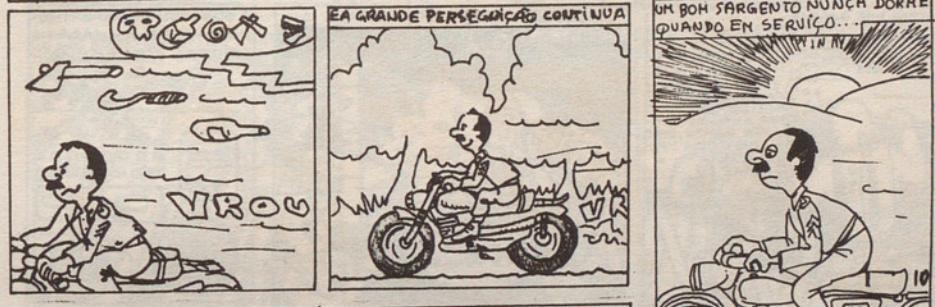
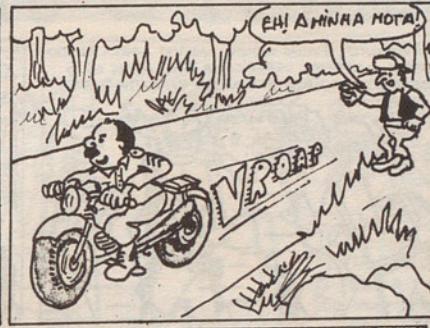
VERSUS

# SUPER-ESPIÃO

POR:  
NUNO  
E  
LUISS

EQUIPA ARGON





# GRUPO ALFA

POR  
E  
VARELA  
SALOMÃO

ENTRENTANTO, E APÓS TEREM ANDADO CERCA DE 100 METROS, O COELHO VERIFICAVA PELO MAPA SE O LOCAL ERA AQUELE EM QUESE ENCONTRAVAM...



... E DEVIA HAVER UMA PORTA AQUI!



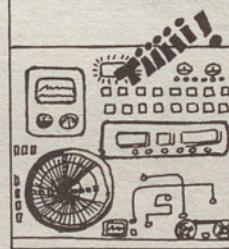
ATRÁS DAS ROCHAS...



VARELA COM A SUA ARMA DESTRÓI O RADAR...



A SUA DESTRUÇÃO É IMEDIATAMENTE ACUSADA NA CENTRAL ELECTRÓNICA...



O ALARME SOA !!!



SEGUNDOS DEPOIS UMA ENORME MASSA ROCIOSA COMEÇA A MOVER-SE...

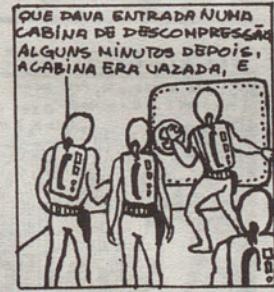
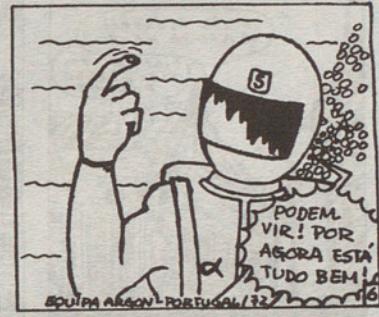


EQUIPA ARGON - PORTUGAL /72



SALOMÃO  
VARELA

# AMEAÇA CIBERNÉTICA



**A HISTÓRIA HEDIONDA DO SERRALHEIRO ASDRUBAL  
OU O FRANKENSTEIN DA ERA ATÔMICA?**

TEXTO: SALOMÃO  
DESENHOS: ZÉ COELHO

I  
A C T O  
O P R I N C I P I O



II  
A C T O  
O D I S T R I B I D O



100  
ACTO - II  
- O  
- A  
- M  
- O  
- R



101  
ACTO - II  
- A  
- ESCOLA



V  
A  
C  
T  
O  
-  
O  
C  
A  
P  
I  
T  
A  
L  
I  
S  
M  
O

VENHO AGORA DE CASA DO MESTRE AS DRUBAL. FEZ-ME UMA CAMA COM DOSSEL. HUM! QUE BELEZA DEVE SER!



NO OUTRO DIA...



VÃO DELEITAR-SE COM A BELEZA ARQUITECTONICA DESTA CAMA, E PREPAREM BEM! POUSEM AS VOSSAS PUPILAS SOBRE ELA.



OH! ME JA' DEIXA! QUERIDA, PREPARA-ME O PEQUENO ALMOÇO TARDE, QUE VOU GOZAR A PROVA DESTA CAMA.



A MEIO DA NOITE...

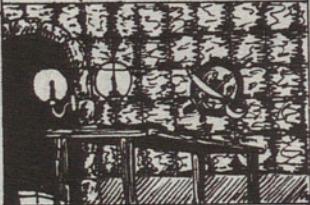


DE MANHA...



VI  
A  
C  
T  
O  
-  
O  
I  
N  
I  
M  
I  
G  
O

MAS AQUI ESTA O ANTRÔ DO HORROR DO PERIGOSA, DO LOUCO, DO INÍMIGO DA SOCIEDADE, DO TARDADO SEXUAL, DO... DO... DO ASGRUBAL.



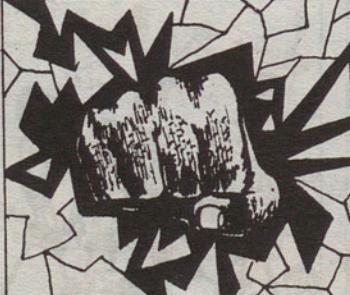
MAS NÃO SE VÊ NINGUÉM?!? AH! É A ESTA ELÉ.



CLÁ! AMIGOS! ENTÃO JA' COMPRARAM ARGAN? BOH, ENTRA ESTÁ CONVIVADOS PAA VER EM MEU TRAGANHO.



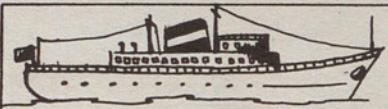
O QUÊ, NÃO VEM NINGUÉM?  
ENTO AI, QUE ME ESTÁS A  
OLHAR PERICLITANTE DE ME  
NOVO, VEM CA!



MAS NÃO, NÃO DIREITO!!! EU SOU UM POBRE CIDADÃO CONTRIBUINTE, DEMOCRATA, QUE ALÉM DE SE DECLARAR ALHEIO A TODOS OS INCIDENTES OCORRIDOS, NÃO GOSTA DE FILMES DE TERRA E COMPRAS SEMPRE O ARGON...







# RAQUEL



# CRUZEIRO ÀS ANTILHAS

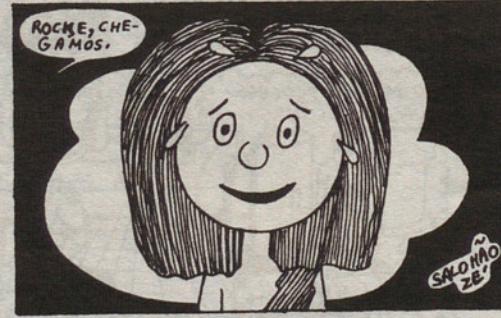
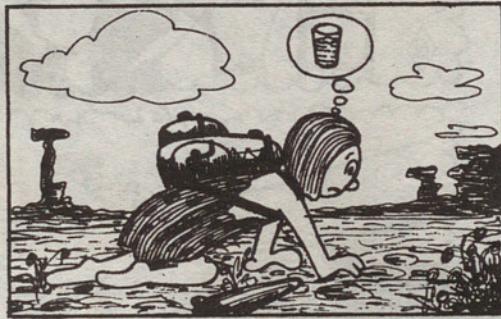
POR: VARELA  
E  
BRITO

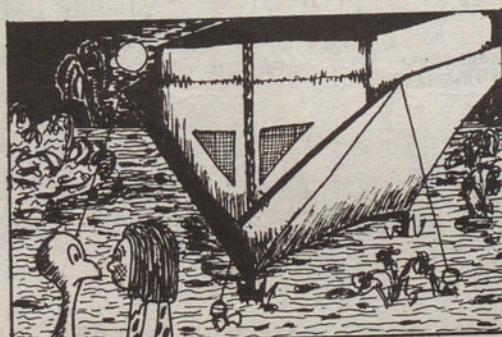
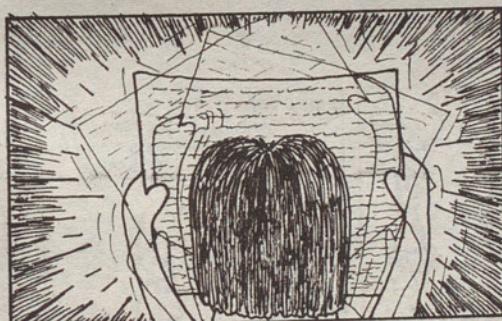
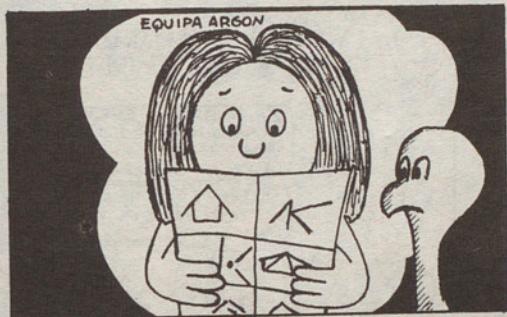


# ROCKE E CRISTUM

TEXTO: SALOMÃO

DESENHOS: COELHO

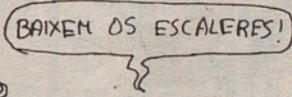
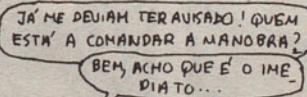
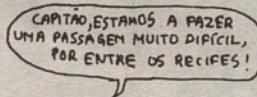
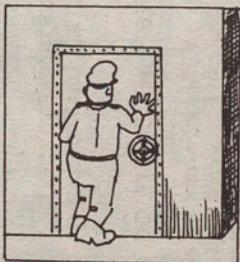
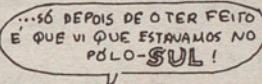




Continua

# A TRIPULAÇÃO

POR: NUNO  
"LUDIS"



NUNO: DESENHOS • LUIS: TEXTO • EQUIPA ARGON

# ARGON

## PARTE II

Amigo (a), decerto já observaste que o ARGON Nº. 5 também sofreu algumas modificações...

- Mas afinal quando é que param de modificar o ARGON - perguntas tu.

Nós próprios não o sabemos, e tu hás-de concordar que uma apresentação sempre igual se torna monótona.

Talvez um dia acabemos com as modificações, mas até lá lembra-te sempre que só modificando se atinge a perfeição.

A capa mudou mais uma vez, e mudará até acharmos a capa ideal. Quanto ao Suplemento passou a chamar-se Parte II, pois na verdade, pela sua extensão não mais deve denominar-se Suplemento, mas sim uma segunda parte do ARGON. Ainda, mas sem carácter definitivo, neste número te oferecemos mais 4 páginas de suplemento.

No que respeita a NOVIDADES temos:

- Uma história de quatro páginas de Amílcar Asdrúbal.
- Um "gag" da nova série "A Tripulação".
- E a "Secção de Correio", que passará a dar resposta a todas as cartas que nos enviarem, que está a cargo do Luís Leiria.

Para terminar esta breve apresentação, não quero deixar de referir, uma vez mais, o apoio que o Exmº. Senhor Reitor do Liceu Nacional de Gil Vicente, nos tem vindo a dar desde o primeiro número do nosso Fanzine.

Alvaro Janul

— 1973

# LUCCA 8

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
BANDA DESENHADA

por Yves Di Manno

Na oitava realização deste congresso, cuja importância não cessa de aumentar, espalhando-se a sua reputação, a participação dos profissionais (desenhistas, editores e críticos) foi massiva, testemunhando um alargamento notável desde o ano passado. Duas delegações numerosas partilharam o lugar de vedetas - a belga e a americana. A presença de Greg, Ashe, Dany, Hermann e de mestre Hergé, em representação do "Tintin"; de Tilleux e Francis, como representantes do "Spirou" (acrescentemos aqui o nome de Morris, apesar dele ter deixado esta revista) teve o mérito de acentuar como ela era indispensável neste congresso - sabe-se, na verdade, o papel essencial destes criadores belgas, da sua contribuição e das suas múltiplas pesquisas. Os americanos, que pela primeira vez apareceram em grande número, tendo à frente Jack Tippit, o presidente da National Cartoonists Society, incluiam Mort Walker, Alfred Andriola, Al Williamson, Larry Katzman, Brant Parker e Gil Kane, nome este que brevemente figurará no sumário do Tintin do próximo ano, segundo nos afirmou Greg.

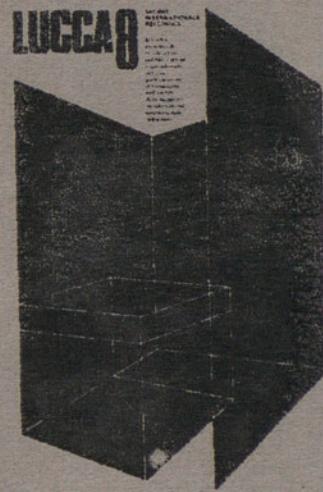
Além destes dois grupos, é necessário saudar a equipa de "Pif" que enviou Chéret, Mic Delinx, Tabary, Gillon e Mattioli.

"Pilote" esteve representado por Mandryka e Loro, devendo ainda mencionar o nome de Gigi.

Este ano estiveram presentes, pela primeira vez, o Japão, a Bulgária, a Jugoslávia e a Roménia. Se acrescentarmos a Espanha (com Victor de La Fuente), Portugal, Brasil, Canadá e Holanda (todos representados precedentemente), permitindo-nos compreender a função de placa giratória que Lucca pode representar, avaliaremos a sua importância. Infelizmente, se o número e a qualidade dos desenhistas e críticos eram notáveis, o mesmo não se pode dizer das manifestações organizadas no Teatro del Giglio. Coloco de lado as comunicações de André Leborgne, Jean Pierre Dionnet e Vasco Granja a propósito da situação da banda desenhada nos respectivos países, e de Henri Fi-

lippini (a publicação de fascículos en França), de Pierre Couperie (evolução dos quadrinhos nos Estados Unidos) e Claude Moliterni (a série negra na banda desenhada) no que se refere a temas específicos. É escandaloso que ninguém tenha falado do "comic-book", quando é neste domínio que se deve procurar as pesquisas mais interessantes efectuadas nos Estados Unidos. O que Dionnet disse sobre o movimento "underground" foi apaixonante, mas referia-se apenas a uma minoria da produção americana. No que respeita às projecções, o ponto mais alto foi a exibição de "Fritz the Cat", desenho animado de Ralph Bakshi, segundo os quadrinhos de Robert Crumb, um êxito incontestável tanto no plano de grafismo como das ideias e da técnica de filmagem. Depois... foi a rotina habitual: desenhos animados japoneses e montagens sonorizadas, por vezes fatigantes. Nada de novo neste aspecto. Todavia, uma menção para Jean Frapat, cuja série televisiva "Tac-au-Tac" suporta muito bem a projecção numa tela cinematográfica.

Que se deve concluir de tudo isto? Primeiramente lamentar o facto de não se ter aproveitado os desenhadores presentes para organizar encontros (Não falemos daquele que foi efectuado com os desenhadores americanos: um verdadeiro desastre!), seguidos de debates e de trabalhos críticos. Claro que os encontros realizavam-se nos corredores, nos cafés e na rua. E tudo isto acontecia de uma forma simpática. Mas cremos que se Lucca não pretende cair num academismo aborrecido (deixando, desse modo, de ter razão de existir) é necessário que a pesquisa esteja constantemente presente. Foi pena não haver comunicações tão rigorosas como a de Couperie no ano passado. E tempo de chamar a atenção e tocar o alarme a propósito de Lucca 8. Desejamos que os seus organizadores o saibam escutar.



## OS PREMIOS DE LUCCA 8

O júri do VIII Salão Internacional de Banda Desenhada, composto por Max Massimino Garnier, Claudio Bertieri, Gianni de Luca, Hugo Pratt e Rinaldo Traini (Itália), Vasco Granja (Portugal), Claude Moliterni (França) e David Pascal (Estados Unidos), reunido nos dias 2, 3 e 4 de Novembro de 1972, atribuiu os prémios à sua disposição, referentes ao período de Novembro de 1971 a Outubro de 1972, como segue:

Yellow Kid - a um autor italiano: Guido Crepax, por maioria;

Yellow Kid - a um desenhador italiano: Grazia Nidazio, por unanimidade;

Yellow Kid - a um desenhador italiano no sector de livros: Arnoldo Mondadori, com duas abstenções;

Yellow Kid - a um editor italiano no sector de periódicos: não atribuído por unanimidade;

Yellow Kid - a um editor estrangeiro: Editions du Lombard, pelo semanário Tintin, por unanimidade;

Yellow Kid - a um autor estrangeiro: Nikita Mandrika, por unanimidade;

Yellow Kid - a um desenhador estrangeiro: Brant Parker, por unanimidade.

A Direcção do Salão Internacional de Lucca decidiu instituir um prémio de reconhecimento para ser atribuído anualmente a uma personalidade eminente no domínio do desenho pelo conjunto da sua obra. Tomando em consideração que a partir deste ano se efectuam simultaneamente o Salão Internacional de Animação e o Salão Internacional de Banda Desenhada, a Direcção concede o prémio especial Yellow Kid 1972, pelo conjunto da sua obra a um autor que, com igual felicidade criadora, sob exprimir-se na animação e na banda desenhada, a Hergé.

O Juri da Crítica Internacional concedeu um prémio especial ao volume Comics - The Art of the Comic Strip - Die Kunst des Comic Strip - L'Art de la Bande Dessinée, coordenação de Walter Herdeg e David Pascal, edição The Graphis Press, de Zurique, como o melhor livro de estudo de Banda Desenhada publicado de Novembro de 1971 a Outubro de 1972.

VASCO GRANJA

# FRIDAY FOSTER

OU A MAGNÍFICA NEGRITUDE

Em Janeiro de 70, uma parcela de imprensa americana - sobretudo a de feição nortista - encetou oferta de Friday Foster, jovem modelo originário dos esconhos labirintos de Harlem.

Ganhando, desde aí, louvável popularidade - dados os condimentos de profissão em voga e se tratar de uma heroína negra -, na surda e tumultuosa vitalidade dentro dos quadrinhos proporcionou-se, a Friday, prosperidade paralela, o que envolveria expressiva mutação conflitual. Não que enveredasse por um cunho em relação ao qual pudessemos falar de implicações sociais ou teoréticas notáveis; quanto a isto, nunca esteve nos projectos dos autores fugir ao romanesco, tão estimado e de famosos títulos - desde logo, o Coração de Julieta...

O que se verifica é um recorte mais requintado na selecção de quadros e colocação das peças essenciais da intriga; se tal se deve, em derradeira nota, ao roteirista Lawrence, não pode ficar por aludir que Jorge Logarón correspondeu, harmonizando o traço - de começo um nada frio...

Pelo que respeita a difusão, Friday Foster aparece diariamente no esquema consagrado de seis fitas (18 x 5,5 cm) com três (ou dois) quadrinhos, complementadas pela prancha dos domingos, de sete a oito imagens, colorida.

Logarón vota-se, com preferência, à tira, deixando a página dominical (que, todavia,



FRIDAY (Modelo)  
e SHAWN (fotógrafo)

orienta, e onde, creio, desenham os rostos, pelo menos) ao labor dum assistente, o que explica certos desniveis (em que o mais crasso erro foi, certamente, o da primeira ilustração de 10/9/72, surgindo Friday com dois pés direitos)...

A tira quotidiana é de grande qualidade, recorrendo-se ao contraste de manifesto preto e branco, jamais a tons esmaecidos; vem-se, porém, abandonando progressivamente a mancha escura, escolhendo um traço austero, com duas fôndoles diversas: profuso e incisivo - no enquadramento situacional, favorecendo, a qui, propostas figurativas quase fotográficas; (pseudo) esboçado - quando a trama exige modulação mais branda, ambiental ou emotiva.

Já a prancha dos domingos é escassa de vestígios, apenas se em



O Coração de Julieta, por Stan Drake

pregando os riscos necessários à marcação dramática ou fixação dos adereços. Obtém-se, todavia, um sugestivo e esplendoroso apelo visual, pela utilização de tintas fortes, oleosas, de significação subjectivante (por exemplo, massas contínuas de verdes ou lilases, ocupando vários corpos).

Friday Foster constitui, portanto, exemplo convincente do talento do grande mestre hispânico, subitamente projectado nos grandes veios comerciais do comic.

Captando, em fragmentos gráficos de audaciosa planificação, a vibração das situações segundo um esquema realista, Jorge Logarón pratica a percepção dinâmica do entrecho, e obtém efei-



TIFFANY JONES, por Pat Tourret

tos do maior apuro plástico.

Quanto ao enredo (Lawrence), sublinhe-se a frescura continua entre episódios, através duma incessante busca de cadências no velescas invulgares e envolventes, atingindo-se apreciável retenção, - trunfo que bate, por exemplo, a incipiente narrativa de Tiffany Jones (malgrado seu interesse iconográfico). Não obstante, pois, orientada pela feição sentimental, Friday franqueia o universo exótico e excessivo, um tanto, duma esfera das mais sofisticadas e escaldantes de cosmopolitismo - como disse, acentuado na actual fase, embora sem grande intuito crítico.

- As últimas notícias falam de Friday Foster nos comicbooks, em concepção de outros artistas (pelo menos, sobre Logarón), o que culmina a aceitação duma obra de grande dignidade.

(+)  
(Ilustrações - Boomovimento)

JOSÉ DE MATOS-CRUZ

# ACTUALIDADES

## A BANDA DESENHADA CHINESA

Falar em banda desenhada a certas pessoas é pior que invocar a Satanaz! Vêm com implicações sócio-económicas e não sei mais o quê, dizendo que se trata de uma forma de "alienação produzida pela sociedade americana com designios bem evidentes", e etc.... Dizem logo que as bandas desenhadas são o melhor instrumento de penetração da sociedade de consumo, com os seus aspectos publicitários, eróticos e mistificadores.

A esses exegetas, gostaria de recomendar a leitura de I FUMETTI DI MAO, que a editora Laterza publicou o ano passado, incluindo-se, neste volume, alguns textos de Jean Chesneaux, Umberto Eco e Gino Nebiola que familiarizam o leitor ocidental com a banda desenhada chinesa.

I Fumetti di Mao é uma antologia onde estão representados autores inteiramente desconhecidos no ocidente: Liang Hsin, Li Chun, An Chung-min, Chu Hsiang-chun, So Sê, Ma Jung, Li Ch'i-huang. Que descrevem estes desenhadores de fino traço, que prolongam, até aos nossos dias, a riqueza e variedade da arte tradicional chinesa? - A acção dos destacamentos femininos, a fraternidade durante a luta na frente de batalha, a importância do trabalho colectivo...

Estes autores sabem como a banda desenhada pode ser um meio pedagógico, de vasta penetração junto de milhões de leitores. Ou seja, precisamente, o contrário da cultura aristocratizante, como ainda se pratica geralmente...

VASCO GRANJA

+ + +

## PHÉNIX

Phénix é na verdade uma revista fundamental para quem se quer iniciar nos segredos da banda desenhada internacional. E, se não, vejamos o seu corpo redactorial: sob direcção de Cláusse

de Moliterni, temos: Pierre Couperie, Claude de Gallo, George Fronval, Edouard François. Phénix tem também correspondentes por todo o mundo, desde David Pascal (U.S.A.) a André Leborgne (Bélgica) ou Vasco Granja (Portugal).

De início bimestral, passou agora a mensal.

No nº. 22 podemos encontrar:

- Entrevista de Eric Leguebe a Alain Saint-Ogan, (o mais que famoso pai de Zig e Puce);
- Les cauchemards de Jacques Le Gall, estudo de Ugo Scott sobre esta personagem de Charlier e M. Tacq;
- Um estudo de Edouard François sobre Red Barry, de Will Gould;
- "A La Porsuite du Coucombre Masqué..." história de 5 páginas com o toque humorístico muito especial de Mandryka;
- Algumas pranchas de Red Ryder, de Fred Harman;
- Uma excelente entrevista de Moliterni a Fred, o famoso autor de Philémon (Pilote);
- E a habitual secção de actualidades, notícias, etc., de J. P. Dionet.

Como vêem, esta revista é vivamente aconselhável pela sua alta qualidade e interesse.

Preço para Portugal: 77\$00.

Luis Leiria

### ROBIDULE



Saiu o nº. 5 de Robidule, revista dirigida por Pascal Baum, Bernard Hislaire e Jacky Landrain, que se dedica apenas à banda desenhada franco-belga, como o provam as entrevistas publicadas con Greg e Dany.

Neste número podemos também ler um texto humorístico de F. Soupault, ilustrado con alguns desenhos de Gotlib e uma banda desenhada de Amador: "Le Responsable" de P. Gignoux.

Luis Leiria

## COPRA



Dando seguimento ao excelente trabalho apresentado no seu nº. 0, Alvaro Corte Real, António Pita e José de Matos-Cruz lançaram o Copra nº. 1.

No sumário deste número encontramos: um estudo de Luís Gasca sobre O FANTASMA, focando o aparecimento e evolução desta série; um artigo de A. Carvalhais, traçando em linhas gerais algumas das fases mais importantes da evolução da banda desenhada, desde o seu aparecimento, quase simultâneo com o do cinema; o artigo de José de Matos-Cruz sobre "Brenda Starr, jornalista das Estrelas" (já publicado no ARGON por amável e pronta colaboração do autor); "Cinema e Banda Desenhada" de Francis Lacassin; algumas fases da entrevista de Alain Resnais a Al Capp; e, finalmente, um artigo de Vasco Granja sob o título "Banda Desenhada - Meio ideal de comunicação".

COPRA - Rua de Montarrio, 28 - Coimbra.

+ + +

## AS AVENTURAS DE PAULETTE

Saiu o nº. 2 desta coleção de banda desenhada para adultos sendo de notar como também já em Portugal se pensa em editar obras que ultrapassam a classificação restrita e tida por alguns como única, de que "histórias aos quadrinhos são só para crianças". As histórias destes álbuns são tiradas da revista francesa "Charlie" editadas pela Editorial Presença.

+ + +

Chegaram a Portugal, em edição brasileira os Peanuts. Os 3 primeiros volumes agora chegados têm o formato de livro de bolso (só o preço é que não é de livro de bolso - 30\$00).

Apresenta esta edição dos Peanuts, duas particularidades: uma é de virem acompanhados, cada volume, dum pequeno estudo feito por Luiz Lobo (que é também editor e tradutor); outra é a de cada volume se dedicar principalmente a um dado personagem.

Assim temos: Vol. 1 - Charlie Brown (Puxa vida, Charlie Brown!); vol. 2 - Snoopy (Oi, Snoopy!) e vol. 3 - Linus (É isso ai, Linus!).

ADRIANO CARDOSO

+ + +

#### CCCI

Pela amplitude dos trabalhos sobre os heróis da historieta, o que favorece uma notável plataforma informativa e crítica, lembramos COMICS CAMP/COMICS IN - um importante fanzine directamente aconselhado às carências portuguesas sobre comic.

Dos números terceiro e quarto, salientamos, respectivamente, estudos de Tarzan - Jodelle - Pravda e Ben Bolt (ou Luís Eurípo), além de antologia (sobre Johny Hazard - de Frank Robbins) e um boletim arqueológico.

Assinatura de três números: 80\$00.

Pedidos a: Mariano Ayuso - Apartado de Correos 8420 - Madrid - Espanha.

JOSE DE MATOS-CRUZ

#### C O R R E I O

(...) 1 - Não sei se está nos vossos planos arranjar um cabeçalho fixo para a capa, no entanto se tal for adoptado, aconselhava o do nº. 2, que quanto a mim foi o mais bem conseguido. Quanto à capa propriamente dita, também acho que era de melhor principalmente dois pontos: dar mais clareza aos traços, letras, figuras e torná-las menos cheias, talvez reduzindo a



CHARLIE & SNOOPY



CONDECA

enumeração das histórias.

2 - Também é de referir os das histórias, eliminação de certos rabiscos (ex.: ARGON nº. 4 - TIO SAM), letras mais atrativas, etc. Um exemplo bem conseguido em relação aos outros é o de ROKE E CRISPIM, isto no nº. 4; outro exemplo é o do GRUPO ALFA (ARGON nº. 3). Um exemplo simples - NITIDUS, O ROMANO.  
3 - Quanto ao tamanho, visto ser inevitável, pouca discussão se pode fazer; no entanto, o tamanho não é o que mais importa, mas sim o modo de o aproveitar; por exemplo: é preciso ter mais cuidado com os diálogos (tamanho das letras, etc.)...

Adriano Cardoso

- É sempre com prazer que recebemos cartas de leitores, e principalmente quando nos fazem as suas críticas.

1 - Cabeçalho fixo... realmente, já tínhamos pensado nisso, mas a verdade é que ainda não fixámos nenhum. Pensámos em tornar o do nº. 4 fixo, mas a ideia não foi para a frente. Por outro lado um cabeçalho variável, dá um aspecto mais variado no número a número da revista, não acha?

Quanto a capa tem toda a razão. A enumeração das histórias na capa, tem sido exagerada (principalmente no número 3); procuraremos melhorar neste aspecto.

2 - Cabeçalhos das histórias, eis também um aspecto a melhorar. Os nossos desenhadores não gostam de fazer cabeçalhos, pois é um trabalho algo maçador... A ver vamos...

3 - O formato é, na verdade, inevitável; a pequenez das letras é-o também, porque: 1º. algumas das histórias que estão a ser publicadas já foram feitas há alguns anos; daí a impossibilidade de modificação. 2º. por outro lado o aumento das letras implica um substancial aumento das filacterias, o que irá dar um aspecto um tanto inestético às pranchas.

Agradecemos a sua colaboração e ficamos à espera de mais críticas ou trabalhos.

Um abraço  
LUIS LEIRIA

NESTA SECÇÃO RESPONDEREMOS APENAS A CARTAS QUE NOS ENVIEM CRÍTICAS.

#### MORADAS:

Pedidos: ARGON - Rua K, Lote 10, 2º. Dtº., Lisboa - 4

Informações, críticas: ARGON - Rua João Frederico Ludovice, 12  
5º. Dtº., Lisboa - 4